

A paz do dever cumprido



A. Domingues de Azevedo

No dia 15 de Julho completam-se dez anos sobre a tomada de posse da Comissão Instaladora da então Associação dos Técnicos Oficiais de Contas.

Na intervenção da tomada de posse, na qualidade de presidente nomeado, fiz uma afirmação que ainda hoje tenho presente e faz parte dos meus valores: «Não me julguem pelo que for capaz de dizer, mas sim pelo que for capaz de fazer.»

Quem aceita a responsabilidade de estar ao serviço dos outros tem que possuir a humildade de se sujeitar ao julgamento permanente dos seus actos. Tem que ter um espírito forte e determinado para contornar inúmeras dificuldades que se lhe deparam ao longo do percurso. Tem que ter a imaginação para criar e desenvolver soluções adequadas aos problemas que assolam os seus representados. Tem que ter a coragem para desafiar soluções, interesses e mentes instaladas nos mais diversos sectores, e acima de tudo, tem que ter uma visão do que pretende que seja o futuro daquilo que representa.

Não me arrego de todas essas características, até porque não me ficaria bem constituir-me juiz em causa própria, mas tenho a consciência esclarecida e em paz, pois dediquei à causa a que me propus o melhor do meu empenhamento, saber e dedicação.

Não querendo nem devendo ser juiz, tenho, no entanto, a obrigação de avaliar as coisas, com vista a formar sobre as mesmas o meu juízo crítico e, nesse juízo, revejo-me numa consciência tranquila invadida por uma enorme paz de dever cumprido.

Revejo-me numa profissão que é minha e começa a dar passos definitivos no sentido da sua credibilização. Revejo-me num futuro que, não tenho dúvidas, será melhor para os jovens Técnicos Oficiais de Contas do que o foi na minha juventude. Não ignoramos as dificuldades características dos nossos dias, mas se nos recordarmos da realidade de há dez anos, caso não tivéssemos percorrido todo este caminho, estou convencido, seria muito mais difícil.

Sei das dificuldades de emprego dos jovens. Sei que muitos TOC não são tão zelosos quanto o deveriam ser. Sei de inúmeros atropelos, infelizmente, que ainda se praticam ao nosso Estatuto e Código Deontológico. Sei de tudo isso e contra isso continuo a lutar. Mas se compararmos com outras profissões bem mais tradicionais na nossa sociedade, sabemos também que por aí não existe um mundo de facilidades.

É natural que nesta longa caminhada não tenha agradado a todos. Mas sei, pela expressão dos actos eleitorais, que tenho agradado à maioria. A unanimidade nem sempre é sinal de comunhão de ideias, mas muitas vezes sinal de paz podre. Não quero unanimidade, quero encarnar e sentir os problemas da maioria dos profissionais. Por isso, aceito as críticas, não com um sentido de indiferença, mas de análise e permanente alerta, procurando descortinar nelas a razão da sua existência e, sempre que tenham factores positivos, porque não acolher esse positivismo e aplicá-lo?

Convivendo muito bem com a crítica, confesso que tenho muitas dificuldades em entender ou enquadrar alguma maledicência visível em alguns escritos e tomadas de posição a propósito de tudo e de nada.

Formulem as críticas que quiserem. Utilizem os termos que entender. Se calhar, até existem coisas que não foram pensadas tão cuidadosamente como o deveriam ter sido. Se calhar até projectamos algumas ideias que depois não foram materializadas. Mas, por favor, porque injusto, não nos acusem de amorfismo. Estabeleçam-se paralelismos com outras profissões e, em meu entender, sem qualquer violência, o percurso percorrido pela nossa profissão nestes últimos dez anos constitui um verdadeiro fenómeno sócio-profissional.

Fenómeno de que todos somos obreiros, cada um desempenhando a quota parte que lhe cabe neste projecto de construção da grande família dos Técnicos Oficiais de Contas. Pela minha parte, fiz o que prometi fazer. Por isso é que, com o dever cumprido, sinto-me em paz com a minha consciência e em paz com todos os Técnicos Oficiais de Contas.

A unanimidade nem sempre é sinal de comunhão de ideias, mas muitas vezes sinal de paz podre. Não quero unanimidade, quero encarnar e sentir os problemas da maioria dos profissionais. Por isso, aceito as críticas, não com um sentido de indiferença, mas de análise e permanente alerta